

## Latindo atrás do Lattes

FRANCISCO GIOVANNI DAVID VIEIRA\*

A questão central abordada no presente artigo diz respeito à pressão para publicação que existe no meio acadêmico. O pressuposto assumido no artigo é que tal pressão obedece a uma lógica das instituições oficiais ligadas à ciência, tecnologia e ensino superior, e tem ajudado a definir os contornos do que hoje se considera um padrão de comportamento acadêmico ideal, cujo pilar fundamental está alicerçado na quantidade e não na relevância da publicação efetuada pelos docentes e pesquisadores das várias e diversas instituições universitárias do nosso país.

Muito tem se discutido sobre o cumprimento da função social das universidades. Ao longo dos anos, essa discussão trilhou diferentes caminhos e um dos seus desdobramentos mais conhecidos e publicamente ressaltados corresponde à capacidade de produção e veiculação de conhecimento por parte das universidades. Infelizmente, o debate que atualmente é travado sobre a autonomia e o papel das universidades na sociedade brasileira tem escamoteado essa questão, especialmente quando considerada sob a perspectiva da produção acadêmica e científica dos seus docentes. Em outras palavras, discute-se possibilidades e limites administrativos, flexibilidade e autonomia orçamentária, administrativa e pedagógica, além de marcos legais e jurídicos para as universidades, entre outros aspectos, deixando-se a atividade de produção e publicação acadêmica ao largo. Posto que a atividade de produção e publicação acadêmica é uma das mais

importantes na vida universitária, é um contra-senso que ela não seja abordada no atual debate, assim como é incompreensível que não se discuta as diretrizes relacionadas à quantidade de publicações, inexoravelmente impostas pelas agências governamentais, a qual é meramente contemplada a partir do seu instrumento-mor balizador: o Currículo Lattes.

Criado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) como um instrumento para a coleta de informações e, por conseguinte, para a formação de um banco de dados sobre a pesquisa científica no Brasil (CNPq, 2007), o Currículo Lattes transformou-se em um símbolo distorcido da atividade acadêmica. Em que pese o fato do seu nome prestar uma homenagem ao físico Cesare Mansueto Giulio Lattes, um paranaense que foi um dos maiores cientistas brasileiros e um dos fundadores do CNPq (CBPF, 2007), o currículo virou uma espécie de passaporte acadêmico às avessas: o que vale na vida acadêmica não é o que se publica, mas sim a quantidade do que se publica!

Essa lógica, a um só tempo equivocada e perversa, tem seu início ainda quando o docente se depara com a realização do seu curso de doutorado. Um docente sem doutorado é um docente sem cidadania. É alguém que até pode habitar o mundo da academia, mas é invisível, pois não é reconhecido pelos próprios pares e muito menos pelas agências de fomento à pesquisa. É alguém que até pode ter uma

série de deveres, vinculados à docência, mas simplesmente não tem direitos: não tem direito de concorrer a editais das agências, não tem direito de lecionar na pós-graduação *stricto sensu* e, no limite, sequer tem direito de concorrer a bolsas de iniciação científica em instituições que possuem programas de pós-graduação já consolidados.

Curioso é que o resgate dessa cidadania ocorre em dois estágios: um com a obtenção do título de doutor e outro com a admissão para o ensino na pós-graduação *stricto sensu*. E é aí, nesse momento, a despeito de outros possíveis, que se inicia a corrida atrás do Lattes. Ministras aulas em programas de pós-graduação, a propósito, implica necessariamente em publicar.

Naturalmente, o lado inverso dessa moeda é a pesquisa – a produção de conhecimento –, mas ela é preterida. Prefere-se falar da necessidade imperativa da publicação. Desse modo, a pressão das agências, o ambiente institucional e até mesmo um comportamento mimético em relação aos pares, termina por definir uma vida acadêmica norteadas pela quantidade.

A corrida para publicar produz paradoxos, acentua disparidades, revela situações inexplicáveis e, naturalmente, expõe o contra-senso do sistema. Dado que a gênese da publicação é a produção de conhecimento, torna-se tarefa árdua responder adequadamente às exigências das agências, e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), em particular. A produção de conhecimento exige tempo para pesquisa e reflexão, o que não é condizente com o volume de aulas, alunos, orientação e demais atividades que se tem no cotidiano das instituições universitárias. Como se não bastasse, é impossível alijar da análise as condições estruturais e orçamentárias para a

produção de pesquisa, as quais são específicas e diferem de instituição para instituição.

A propósito, o sistema de avaliação das agências de fomentos nivela todos os pesquisadores e instituições; ou seja, julga-os sob o mesmo parâmetro, não diferenciando as oportunidades que dispõem, bem como não diferenciando a infra-estrutura que possuem em suas respectivas instituições. Na prática isso significa que um professor ou pesquisador de uma universidade do interior é julgado sob os mesmos parâmetros que um pesquisador de um grande centro ou de uma instituição já consolidada. Isso termina por fundar o centro e a periferia da produção científica. Sob essa ótica, e por uma analogia geométrica, a periferia tem que correr muito mais para efetuar publicações.

Como forma de incrementar a capacidade de publicação, um dos recursos dos quais os professores têm lançado mão corresponde à co-autoria. Nem todos conseguem ser “The Flash”, “Superman” ou “Professor Pardal”, para cumprir rigorosamente as diretrizes das agências. Daí, o crescente número de publicações com dois, três, quatro ou mais autores, as quais produzem as famosas citações “*et alii*”. E longe de representar a formação de redes de pesquisa interinstitucionais, tão estimuladas atualmente, tais publicações representam muito mais parcerias intra-institucionais, inclusive com alunos de programas de pós-graduação. A fecundidade e o alcance das publicações têm, assim, um horizonte menos amplo e peculiarmente circunstancial, cujo resultado aponta para uma direção contrária a da relevância acadêmica.

Uma flagrante dificuldade para a sustentação do sistema e, por conseguinte, para o exercício da pressão, a qual

infelizmente não é largamente discutida, diz respeito à absoluta falta de espaço para abrigar todas as potenciais publicações dos professores e pesquisadores. O número de artigos possível de ser publicado em periódicos não corresponde ao número possível da oferta de artigos por parte dos professores, pesquisadores e estudantes de graduação e pós-graduação das diversas instituições de ensino superior do país. Em curtas palavras, considerando-se a tese de que se todos os envolvidos na academia publicasse pelo menos um artigo por ano, não haveria periódicos suficientes no Brasil para acomodar e publicar todos os artigos em suas páginas. Por mais remota que seja, é inconcebível a idéia de que as comissões responsáveis pelas diretrizes para publicação, lotadas nas agências governamentais, não trabalhem com essa informação.

O fato é que a pressão para publicação existe. Publique-se qualquer coisa, de qualquer jeito, de qualquer modo, em qualquer periódico. A CAPES até criou um sistema de avaliação para publicações: o QUALIS. Esse sistema que a princípio foi criado como uma tentativa de classificar os periódicos de acordo com sua possível relevância, apresenta consideráveis limitações e não contempla algumas publicações que são relevantes. Há áreas, por exemplo, em que periódicos considerados importantes pela comunidade internacional são classificados como possuidores de conceito “B” ou “C” pela CAPES. O mecanismo de indexador de impacto da publicação, que é mais completo, porém

também mais complexo, não é usado como forma de expressar a possível contribuição de uma publicação. Como consequência, muitas revistas são criadas por muitas instituições. Cada uma precisa criar o seu próprio periódico, garantir que ele seja classificado no QUALIS da CAPES e abrir um espaço para a publicação dos seus docentes.

A pressão para publicação que existe no meio no meio acadêmico, portanto, tem sido contínua e se traduzido de diferentes formas, ora veladas, ora explícitas. O padrão de comportamento acadêmico ideal, entretanto, ainda está longe de ser alcançado – se é que ele existe. Enquanto isso não acontece, é aconselhável ampliar o escopo do debate e definir uma relação com o Lattes de um modo que se possa estar mais próximo da relevância acadêmica e não da quantidade. É possível que, assim, construa-se alguns passos iniciais para se ter um propósito efetivamente acadêmico, o qual é distinto do comportamento de quem repete o que os outros estão fazendo, apenas por fazer, sem questionar ou saber exatamente para onde ir.

#### Referências

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO, CNPq. Currículo Lattes. Capturado em 28 de março de 2007 de <<http://lattes.cnpq.br/index.htm>>.

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA, CENTRO BRASILEIRO DE PESQUISAS FÍSICAS. Histórico. Capturado em 23 de março de 2007 de <[http://www.cbpf.br/Staff/Hist\\_Lat.html](http://www.cbpf.br/Staff/Hist_Lat.html)>.



\* **FRANCISCO GIOVANNI DAVID VIEIRA** é professor e Pesquisador do Departamento de Administração da Universidade Estadual de Maringá (UEM).